



**AGRICULTURA CAMPONESA E AGROECOLOGIA: RELATO DE  
EXPERIÊNCIA DA FEIRA E FESTA DE SEMENTES, MUDAS E RAÇAS  
CRIOULAS EM DEFESA DA BIODIVERSIDADE<sup>i</sup>**

Marina Pires Ribeiro

Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimento Sociais -GETeM/UFG/CNPq  
Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão-UFG  
marinapiris10@hotmail.com

Marcelo Rodrigues Mendonça

Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimento Sociais -GETeM/UFG/CNPq  
Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão-UFG E-mail:  
ufgmendonca@gmail.com

Gisele Silva Rodrigues

Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimento Sociais -GETeM/UFG/CNPq  
Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão-UFG  
ggiselerodrigues@gmail.com

**Resumo**

Este artigo constitui-se reflexões realizadas a partir de estudos e discussões feitas no Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM/UFG/CNPq). Aqui, busca-se compreender a agricultura camponesa, considerando o processo de ocupação tecnificada, centrado na modernização da agricultura, mas que não conseguiu eliminar as práticas sócio-culturais camponesas. Para tanto, iremos relatar a experiência vivenciada na participação e organização do Evento Feira e Festa de Sementes, Mudanças e Raças Crioulas em Defesa da Biodiversidade com o intuito de assegurar uma reflexão geográfica sobre a força e vitalidade dos camponeses e *trabalhadores da terra* no Brasil.

Palavras-chave: Agricultura Camponesa. Agroecologia. Cerrado. Sementes Crioulas.

**Introdução**

Este artigo constitui-se reflexões realizadas a partir de estudos e discussões no Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM/UFG/CNPq). Busca-se compreender a agricultura camponesa através das Sementes Crioulas<sup>ii</sup>. Isso implica percebermos esses territórios, com seus modos de vida e valores, e também levar em conta as complexas relações socioespaciais, a partir da modernização da agricultura. Considera-se também o processo de ocupação tecnificada, centrada na modernização da agricultura das áreas de Cerrado, em Goiás, através das monoculturas intensivas com efeitos socioambientais significativos.



Como contraponto, apresenta-se a importância das práticas agroecológicas desenvolvidas pelos camponeses, pois apresentam práticas que primam pela redução das agressões ao ambiente, ao lançar um novo olhar sobre a produção no campo. A agroecologia resgata saberes passados entre gerações de camponeses e se como um campo do conhecimento que busca a utilização de práticas agrícolas que respeita os ecossistemas. O sistema agroecológico tem como objetivo o manejo equilibrado e biodiverso das plantas e animais, dedicando-se ao estudo de relações produtivas harmônicas entre homem-natureza, e visando a preocupação em relação às questões ecológicas, econômicas, sociais, culturais, políticas dos sujeitos envolvidos.

Para tanto, iremos relatar a experiência vivenciada na organização e participação no Evento Feira e Festa de Sementes, Mudas e Raças Crioulas em Defesa da Biodiversidade – Seminário: Biodiversidade e Sementes Crioulas, que ocorreu na Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão, através da iniciativa do Movimento Camponês Popular (MCP), do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). No Evento, tivemos contato com diversas experiências agroecológicas e reflexões sobre a importância do campesinato na agricultura brasileira.

## **Metodologia**

Os procedimentos metodológicos são fundamentais em um artigo, pois são os caminhos que nos levam às análises e aos possíveis resultados. Assim, é preciso ter claro os objetivos que se espera alcançar e desenvolver uma estratégia de ação que seja adequada ao tempo que se tem para a pesquisa. Para isso, foi feita uma revisão bibliográfica com o intuito de compreender as inter-relações entre a ciência geográfica, agricultura camponesa e a agroecologia, partindo de obras que abordam a questão, considerando a modernização da agricultura brasileira nas áreas de Cerrado.

## **A agricultura camponesa e as sementes crioulas**

O campesinato representa uma das formas de produção agrícola mais antiga do mundo. Desde a Idade Média esta forma de produção está presente, a forma de plantar os seus alimentos, a forma da sua produção que permanece até os dias atuais, sendo que por



muito tempo foi à única forma de produzir alimentos. Todavia, historicamente os espaços dos camponeses tiveram que se transformar, precisamente a partir da década de 1970 com a modernização da agricultura passaram a ter novos usos e, conseqüentemente, configurar territórios com diferentes interesses, constituindo territórios em disputa.

Referindo-se à presença do campesinato na sociedade brasileira, Oliveira (1990) evidencia a compreensão do papel e lugar dos camponeses no país. Para tanto, propõe que o campesinato, por ser resultado do próprio processo contraditório de desenvolvimento do capitalismo, se cria e recria constantemente, como forma de contestação à lógica hegemônica estabelecida no campo. Apesar de que os camponeses representam um *obstáculo* para a modernização, pois não estão inseridos no contexto da Revolução Verde, todavia estão inseridos sob diferentes formas às suas determinações. Assim, o camponês é, ao mesmo tempo, produto e negação do capitalismo no campo. Isso que dizer que o próprio capital cria e recria relações não-capitalistas de produção. (OLIVEIRA, 1990).

Atualmente, o campesinato permanece como um meio de produção de alimentos se contrapondo ao modelo do agronegócio. O modo com que o camponês produz seu alimento. As sementes crioulas representam uma forma de autonomia dessas populações, pois são obras da natureza e configuram experiências camponesas e indígenas historicamente construídas. Elas são uma criação coletiva dos povos que reflete a história especialmente das mulheres que foram as primeiras a cultivarem as sementes, sendo que garantiram através da história sua permanência e se tornaram suas principais guardiãs.

As sementes crioulas são fundamento e produto de culturas e sociedades através da história. Nelas se incorporam valores, afetos, visões, mitos, e formas de vida que ligam ao âmbito do sagrado. Nesse sentido as sementes crioulas constituem um meio de sustento e soberania das Comunidades Camponesas e dos povos, garantindo a construção histórica e cultural.

Na agricultura camponesa tradicional, espaço onde os camponeses vivem e trabalham destaca-se a existência de uma coletividade rural que se apresenta em uma dupla natureza funcional. Primeiro esta agricultura valoriza o meio natural: os camponeses utilizam o território para a produção de alimentos visando o autoconsumo; e por outro



lado, é também um espaço onde vivem, com suas crenças, tradições, constituindo modos de vida.

As estratégias de reprodução passam por conhecimentos desde a lida com a terra até a comercialização dos produtos excedentes. Os camponeses sabem em qual lua é melhor cultura ou a cortar alguma madeira, sabem também os dias que são resguardados aos santos de devoção. Formam-se sujeitos capazes de se definir pela forma de trabalho, religiosidade e cultura, em que de um lado resiste e articula com o sistema econômico e, de outro, é produto do próprio capitalismo que necessita da sua produção.

Do ponto de vista da relação do campesinato com os movimentos sociais relacionados à questão agrária, segundo Guimarães (2010), busca-se unir as diversas formas de luta. Uma delas é pela produção de alimentos livre de agroquímicos, o que se chama de produção limpa, que propõe a mudança na estrutura agrária, fortalece a organização dos camponeses, reivindica políticas públicas para a agricultura camponesa, que são alguns dos temas em constante debate. Para tanto, propõe a soberania alimentar que é a autonomia da nação para ter alimentação suficiente, estável e autônoma garantindo a sustentabilidade através da agroecologia.

### **A agroecologia *versus* o agronegócio**

Desde a consolidação do paradigma da Revolução Verde (meados do século XX), cujos países subdesenvolvidos (ou em desenvolvimento) passaram a receber *ajuda especial* para implantação da política agrícola do grupo Rockefeller, verificou-se no Brasil um favorecimento a expansão das fronteiras agrícolas por meio de projetos de incentivos estatais e privados. A partir de interesses políticos e econômicos ligados a expansão e fortalecimento das transnacionais, o campo brasileiro foi sendo invadido agressivamente por culturas agrícolas que em nada satisfazem às necessidades da população.

Ao analisar a modernização agrícola ocorrida no Brasil, baseada na expansão das lavouras de trigo e soja, Brum (1988), compreende esse processo a partir do término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e afirma que para analisar as mudanças ocorridas na agricultura é importante buscar o contexto mais amplo dessas transformações. Para tanto, o autor diz que os Estados Unidos consolidavam sua liderança no mundo capitalista e avançavam na construção de uma economia mundial integrada sob o comando das corporações transnacionais. Para isso, subordinaram as demais organizações e Estados, transformando-os em executores de seus interesses.



A chamada Revolução Verde teve o objetivo de contribuir para o aumento da produção e da produtividade agrícola no mundo, através do desenvolvimento de experiências no campo da genética vegetal para a criação e multiplicação de sementes adequadas às condições dos diferentes solos e climas, bem como da aplicação de técnicas agrícolas, com culturas ditas modernas e eficientes. (BRUM, 1988). Através dessa imagem humanitária, ocultavam-se os interesses econômicos e políticos ligados à expansão e ao fortalecimento das grandes corporações transnacionais.

Os países que *aderiram* à Revolução Verde eram orientados e induzidos a usar novas técnicas de correção do solo, fertilização, agrotóxicos, bem como utilizar maquinaria e equipamentos modernos. A esse conjunto de técnicas inovadoras denominou-se de *pacote tecnológico* e visava a implantação das empresas rurais capitalista no campo, principalmente nas áreas de Cerrado.

Esse interesse externo trouxe transformações para o cenário agrícola nacional. Na trajetória do agronegócio no Brasil e, aqui especificamente, no município de Catalão (GO), há uma tentativa agressiva em comprovar os benefícios da exploração da terra pelo grande capital, que se justifica pela ideia de desenvolvimento econômico e pelo progresso social.

As técnicas de monocultivo casam-se bem com outras práticas da agricultura moderna: a monocultura tende a favorecer o cultivo intensivo do solo, a aplicação de fertilizantes inorgânicos, a irrigação, o controle químico de pragas e as variedades especializadas de plantas. A relação com os agrotóxicos é particularmente forte, pois vastos cultivos da mesma planta são mais suscetíveis a ataques devastadores de *pragas* específicas e requerem proteção química. A agricultura moderna introduziu tecnologias centradas no paradigma químico-biológico, visando intensificar a produção numa mesma área, elevando a produtividade física e permitindo um maior lucro na atividade.

Os problemas socioambientais advindos da industrialização no campo foram denunciados em 1962 pela bióloga Rachel Carson que lançou nos Estados Unidos, o livro *A primavera silenciosa*. Através deste livro, a autora afirmava que os pesticidas surgiram como produtos inovadores capazes de vencer as pragas, melhorar o desenvolvimento das plantas, aumentar a capacidade de produção das plantas, a geração de novas variedades de plantas, mas em contrapartida contaminavam o solo, os aquíferos e envenenavam as pessoas.



Em relação ao uso indiscriminado de agrotóxicos, Carson (1962) evidencia que acarreta não somente sérios riscos de câncer e outras doenças, mas prejudica todo o Planeta, pois pela primeira vez em toda a história, o ser humano está sujeito a entrar em contato com substâncias químicas perigosas, desde o momento em que nasce, até o instante em que sua morte ocorre. Para a autora,

[...] temos permitido que substâncias químicas sejam usadas sem que haja procedimento a investigação alguma [...] quanto aos seus efeitos contra o solo, o ar, sobre a vida. As gerações futuras não nos perdoarão, com toda probabilidade a nossa falta de prudente preocupação a respeito da integridade natural que sustenta a vida toda. (CARSON, 1962, p.23).

No Cerrado a situação não é diferente. Nas áreas de agricultura moderna (agronegócio) o uso de agrotóxicos é uma forte ameaça ao equilíbrio ambiental, e gera grandes problemas ambientais, além das precárias condições de trabalho, pois os trabalhadores que lidam com tais produtos estão sujeitos a sérios danos a saúde e ao ambiente. Esse processo ocasiona uma fragilidade ambiental, econômica e social, sendo que a fragilidade ambiental é marcada pela perda da biodiversidade.

A modernização da agricultura foi intensificada nas áreas de Cerrado, através da territorialização das empresas rurais nas áreas planas e pela implementação das agroindústrias atraídas pela produção e produtividade de grãos e também pelos incentivos fiscais e creditícios oferecidos pelos governos estaduais. As transformações espaciais decorrentes dessas investidas culminaram em novas paisagens nas *áreas cerradeiras*. (MENDONÇA, 2004).

A agricultura convencional é, sem dúvida, uma das práticas que mais prejudicam o ambiente através do uso de agrotóxicos, queimadas, entre outros. Dessa forma os princípios básicos da agroecologia propõem uma agricultura sem agrotóxicos, sem a poluição dos rios, dos solos e, mais que isso, visa resgatar e fortalecer valores como a cooperação e a ajuda mútua entre os camponeses.

A experiência agroecológica mais conhecida no município de Catalão (GO) é o cultivo das sementes crioulas de milho que são sementes que foram selecionadas e armazenadas pelos próprios camponeses e significam sua autonomia em relação às casas comerciais que comercializam as sementes híbridas.

## **As sementes crioulas: as práticas da agricultura camponesa em Catalão (GO)**



O município de Catalão (GO), localizado na região Sudeste do Estado tem como um de seus pontos fortes a produção de alimentos através da agricultura camponesa. São mais de vinte Comunidades Camponesas nas proximidades da área urbana do Município, totalizando centenas de famílias vivendo da *terra de trabalho*. Porém, este município possui algumas particularidades que desafiam os camponeses.

Desde a década de 1980, Catalão tem passado por um processo de modernização do campo que, se por um lado melhorou as condições de vida de alguns, por outro dificultou a vida dos agricultores que produzem em menor escala, pois estes não tem como arcar com os novos custos, tampouco recebem alguma forma de apoio por parte das políticas públicas. Historicamente, as áreas de chapadas foram tomadas pela monocultura intensiva, empurrando a agricultura camponesa para os fundos de vale.

As práticas agroecológicas incentivadas pelo Movimento Camponês Popular (MCP) vêm estimulando reflexões no âmbito de se praticar uma agricultura mais comprometida com o meio ambiente e com a valorização e união das Comunidades Camponesas em um ideal: a permanência no campo em condições dignas de trabalho e moradia. Em um contexto de discussões sobre a preservação ambiental, são necessárias ações concretas que viabilizem uma produção sustentável.

Uma das experiências com o cultivo de sementes crioulas se iniciou no ano de 2005, com o Projeto de Extensão *Resgate, Conservação e Produção de Sementes Crioulas nas Comunidades Rurais*, sob a coordenação do Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça. Foi implantado um banco de sementes crioulas na Comunidade São Domingos, no município de Catalão, onde as sementes de milho foram sendo resgatadas, selecionadas e armazenadas, ficando a disposição dos camponeses. O projeto terminou no ano de 2009, porém deu uma contribuição primordial para o resgate desta prática milenar.

Em 2011 ocorreu a Feira e Festa de Sementes, Mudas e Raças Crioulas em Defesa da Biodiversidade, na Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão, através da iniciativa do Movimento Camponês Popular (MCP), do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Movimento dos Atingidos pro Barragens (MAB). O Evento estimulou e fortaleceu o trabalho com as sementes crioulas e com a Agroecologia junto às famílias camponesas não somente do município de Catalão (GO), mas de todo o Brasil, tendo também colaboradores de países africanos (Moçambique e África do Sul) e organizações camponesas da América Latina através de intercâmbio de experiências.



**Foto 1: Auditório da UFG/CAC lotado para a abertura do Evento.**



Fonte: Arquivo do GETeM. (2011).

Durante os dias em que ocorreu o Evento a Universidade se modificou. Tornou-se um espaço com cores, músicas e danças. A todo momento ônibus chegando com senhores/as, crianças e jovens, camponeses de todas as regiões do Brasil se encontrando num só espaço. Os olhares entre os estudantes da Universidade eram de curiosidade, que se misturava com a vontade de conhecer as famílias que constroem suas tramas cotidianas através do trabalho na terra; e saber de onde vieram. O espaço se tornou de sociabilidades e territorialidades camponesas, com relação entre poesia e a vida, a luta cotidiana e o trabalho.



**Foto 2: Camponeses/as, professores/as, estudantes e comunidade em geral no pátio da UFG/CAC.**



Fonte: Arquivo do GETeM. (2011).

Durante o Evento houve apresentações culturais, homenagem aos membros do MCP, caminhada contra a instalação da Pioneer Sementes em Catalão, pamonhada, troca de sementes e venda de artesanatos. Nessas atividades, as pessoas puderam refletir sobre a conjuntura camponesa, divulgar e fortalecer o trabalho com as sementes crioulas, representando um marco na luta contra o *projeto da morte*, promovido pelo agronegócio, com agrotóxicos e transgênicos.



**Foto 3: Feira de troca de sementes e venda de artesanatos no estacionamento da UFG/CAC.**



Fonte: Arquivo do GETeM. (2011).

**Foto 4: Caminhada dos camponeses/as pelas ruas de Catalão (GO) contra a instalação da Pioneer Sementes no município**



Fonte: Arquivo do GETeM. (2011).

Juntamente com a Feira, ocorreu o Seminário de Biodiversidade e Sementes Crioulas, que ocorreu no auditório da Universidade Federal, Campus Catalão. Palestrantes de todo o Brasil debateram a realidade do campesinato brasileiro e os desafios para combater o uso de agrotóxicos, transgênicos e promover uma agricultura ecológica, com autonomia camponesa. Essa é a busca da agroecologia, sustentada pela agricultura



camponesa e combatida pelo agronegócio. Os camponeses querem a preservação do meio ambiente e ser tratados com respeito pelo poder público.

Durante as palestras, foi enfatizado que por se tratar de um processo social e político, a *transição agroecológica* implica não somente na busca de uma maior racionalização econômico-produtiva com base nas especificidades biofísicas de cada agroecossistema, mas também numa mudança nas atitudes e valores dos sujeitos sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais. Mas sabe-se que essa transição não ocorrerá do dia para a noite. São décadas usando agrotóxicos e demais substâncias químicas, portanto os solos se encontram contaminados sendo necessários anos até se falar em uma *agricultura limpa*.

## Considerações finais

Historicamente, os homens se relacionam a partir do seu processo de produção e, principalmente, entre os homens do campo essa relação é baseada no cultivo da terra como uma dimensão cultural que entrelaça diversos sentidos. Esses sujeitos *marcam e demarcam* seus territórios tendo como referências o tempo da natureza. Plantar, cuidar, presenciar e observar o crescimento da planta e colher os resultados do próprio trabalho, tem um significado político e simbólico para os camponeses, pois isso representa a eles a conquista da dignidade e uma vida com maior qualidade no campo.

A forma como lida com a terra, baseado em práticas agroecológicas, a preocupação em não usar agrotóxicos, os saberes e a relação com a natureza, demonstra a importância em priorizar um modelo agrícola baseado na agroecologia e na diversificação da produção, considerando o equilíbrio dos ecossistemas. As transformações das áreas de Cerrado brasileiro diante do agronegócio acentuaram os efeitos socioambientais no campo, expropriando camponeses, desmatando, contaminando os solos, a água, explorando o trabalho de homens e mulheres; tudo isso evidencia a necessidade de mudanças.

No Evento Feira e Festa de Sementes, Mudas e Raças Crioulas em Defesa da Biodiversidade – Seminário: Biodiversidade e Sementes Crioulas percebemos a partir da sociabilidade com os camponeses, que a agroecologia contribuiu para mostrar que é possível fortalecer, de forma processual, a autonomia desses sujeitos que vivem da terra. Reconhecendo, assim, a cultura e apresentando práticas agroecológicas, para o



reconhecimento da importância dos saberes construídos historicamente por eles. As práticas agroecológicas demonstram que agricultura camponesa é ao mesmo tempo, cultura camponesa, pois envolvem saberes, racionalidades, sentidos e os conhecimentos e significados do trabalho da lida com a terra.

A experiência de ter participado do Evento, relatada nesse artigo, nos possibilitou compreender as realidades e os sujeitos em movimento. A partir das impressões e do esforço teórico, possibilitou entender as relações estabelecidas, as lutas e a relação com a terra, que se constitui como uma das características centrais que une as famílias em torno do trabalho e das ações políticas.

## Notas

<sup>i</sup> Este Evento ocorreu na Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão, entre os dias 07 e 10 de julho de 2011.

<sup>ii</sup> As Sementes Crioulas são obras da natureza e frutos das experiências dos povos indígenas e das famílias camponesas. São aquelas sementes que não sofreram modificações genéticas como as híbridas ou em laboratório, como as transgênicas.

## Referências

BRUM, A. J. **Modernização da agricultura**: trigo e soja. Petrópolis (RJ): Vozes, 1988.

CARSON, R. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

GUIMARÃES, R. R. **As estratégias de resistência camponesa**: o movimento camponês popular na Comunidade Ribeirão em Catalão (GO). 2010. 166f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão.

MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 2 ed. São Paulo: Vozes, 1995.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 2004. 458 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

OLIVEIRA, A. U. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modo de produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur, 2007.